

Isabela Peixoto Olivetti Pontin

Foi no quarto ano da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo que me deparei com a seguinte situação: qual especialidade escolher? Tinha uma vantagem, ou desvantagem, gostava de tudo! Então, comecei a excluir especialidades que não me interessavam tanto ou que não tinham muito o meu perfil. Excluí Clínica Médica, visto que sempre gostei de procedimentos cirúrgicos; Psiquiatria, especialidade muito interessante, mas não me via no futuro exercendo-a; entre outras. E Otorrino?? Por quê não?? Afinal de contas, não tinha como negar... meu pai é um Otorrinolaringologista. Ele nunca quis me influenciar na escolha pela otorrino, pelo menos conscientemente. Até algumas vezes me dizia: “e dermatologia?”. Mas a Otorrino já estava presente na minha vida desde sempre. Tinha em casa um pai otorrino que sempre foi feliz e bem sucedido na sua profissão, o que, com certeza, foi decisivo na minha escolha. Foi na Liga de Prevenção à Surdez, nos terceiro e quarto anos da faculdade, que pude ter um contato maior com a área e perceber o quanto essa especialidade era interessante, já que, naquela época, a Otorrino não fazia parte da grade do internato da faculdade.

Fiz a residência médica de 2008 a 2011, período de muito trabalho, estudos, plantões, muitas responsabilidades, mas também de amadurecimento e de grande aquisição de conhecimento. Tive, ainda, o privilégio de trabalhar como Preceptora logo após o término da residência, o que contribuiu muito na aprimoração dos conhecimentos na área.

O programa da residência tem duração de três anos e, após o seu término, existe a opção de fazer os estágios de complementação especializada, os “fellowships”. No primeiro ano concentram-se os plantões, atendimento em pronto socorro e ambulatórios, assistência aos pacientes internados, cirurgias de menor complexidade e embasamento teórico. No segundo e terceiro anos, há um aumento na carga cirúrgica, solidificação dos conhecimentos assim como aumento das responsabilidades com os pacientes.

A Otorrinolaringologia apresenta diversas sub-especialidades: Otologia, Rinologia, Laringologia, Cirurgia Plástica Facial e Otorrino Pediatria. Lida com doenças de todas as idades, desde crianças até pacientes idosos, com patologias mais leves, mas não menos importantes, como hipertrofia de adenoamígdalas e rinopatias, por exemplo, até as mais graves, como os tumores e infecções de alta morbimortalidade.

O Otorrino adquire fundamentos em otologia, rinologia, bucofaringologia, laringologia, cirurgias traumatológicas, estéticas e recuperadoras da face, ronco e apnéia obstrutiva do sono, cirurgias das afecções da cabeça e pescoço e base do crânio, otoneurologia, otoneurocirurgia, alergia, diagnose e endoscopia durante sua formação. Realiza na sua prática clínica consultas, cirurgias, procedimentos ambulatoriais e exames complementares otorrinolaringológicos.

Por se tratar de uma especialidade clínico-cirúrgica, agrada diferentes perfis de médico, desde o interesse em alergia ou otoneurologia por exemplo, até as cirurgias de base de crânio, face e região cervical.

Apesar de um mercado de trabalho amplo, como em todo início de carreira, o otorrino desdobra-se entre consultas, plantões, ambulatórios de diagnose e cirurgias. Além disso, a grande maioria fica a mercê dos planos de saúde. Entretanto, pela grande diversidade de atuação, após a inserção e consolidação no mercado de trabalho, consegue organizar-se e adequar os horários, ter boa qualidade de vida e bons ganhos financeiros.

Finalmente, posso dizer que, apesar de ter apenas um ano e meio de formada, sinto-me realizada e muito satisfeita com a minha escolha. Acredito ainda que a opinião de um Otorrinolaringologista mais experiente possa acrescentar muito ao tema e contribuir no árduo processo de escolha da especialidade pelos alunos de medicina.